



**John D'Agata**  
**Jim Fingal**

# a vida curta de um fato

*trad.*  
**Irinêo B. Netto**

John D'Agata e Jim Fingal

# **A vida curta de um fato**



 **PUCPRESS**

Curitiba  
2022

**Arte e Letra**

coordenação THIAGO TIZZOT  
tradução IRINÊO BAPTISTA NETTO  
capa, projeto gráfico e diagramação FREDE TIZZOT

**PUCPRESS**

coordenação MICHELE MARCOS DE OLIVEIRA  
edição SUSAN CRISTINE TREVISANI DOS REIS  
edição de arte RAFAEL MATTA CARNASCIALI  
preparação de texto JULIANA ALMEIDA COLPANI FERREZIN

Título original: *The Lifespan of a Fact*  
2012, W. W. Norton & Company. Tradução autorizada.

Direitos para a edição brasileira  
©2022, John D'Agata e Jim Fingal  
2022, PUCPRESS, Arte & Letra

Este livro, na totalidade ou em parte, não pode ser reproduzido por qualquer meio  
sem autorização expressa por escrito da editora.

---

D999v

2022

D'Agata, John

A vida curta de um fato / John D'Agata, Jim Fingal ; tradutor: Irineo Frere  
Baptista Netto. – Curitiba : PUCPRESS : Arte e Letra, 2022.

268 p. ; 21 cm.

Tradução de: *The lifespan of a fact*

ISBN: 978-65-87802-89-3 (PUCPRESS)

978-65-87802-88-6 (e-book PUCPRESS)

978-65-87603-25-4 (Arte & Letra)

1. Não-ficção criativa - Autoria. 2. Ensaio - Autoria. 3. Suicídio. I. Fingal,  
Jim. II. Título.

21-093 CDD 20. ed. – 808.02

---

Dados da Catalogação na Publicação  
Pontifícia Universidade Católica do Paraná  
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/PUCPR  
Biblioteca Central  
Pamela Travassos de Freitas – CRB 9/1960

**PUCPR** - Pontifícia Universidade Católica do Paraná  
reitor IR. ROGÉRIO RENATO MATEUCCI  
vice-reitor VIDAL MARTINS  
pró-reitora de pesquisa, pós-graduação e inovação  
PAULA CRISTINA TREVILATTO

### **Conselho Editorial**

Alex Villas Boas Oliveira Mariano  
Aléxi Volaco  
Carlos Alberto Engelhorn  
Cesar Candiotto  
Cilene da Silva Gomes Ribeiro  
Cloves Antonio de Amissis Amorim  
Eduardo Damião da Silva  
Evelyn de Almeida Orlando  
Fabiano Borba Vianna  
Katya Kozicki  
Kung Darh Chi  
Léo Peruzzo Jr.  
Luis Salvador Petrucci Gnoato  
Marcia Carla Pereira Ribeiro  
Rafael Rodrigues Guimarães Wollmann  
Rodrigo Moraes da Silveira  
Ruy Inácio Neiva de Carvalho  
Suyanne Tolentino de Souza  
Vilmar Rodrigues Moreira



ARTE & LETRA  
Rua Desembargador Motta, 2011  
CEP 80420-162 – Curitiba / PR  
Tel. +55 (41) 3223-5302  
[www.arteeletra.com.br](http://www.arteeletra.com.br)



PUCPRESS/Editora Universitária Champagnat  
Rua Imaculada Conceição, 1155 -  
Prédio da Administração - 6º andar  
Curitiba / PR - CEP 80215-901 -  
Tel. +55 (41) 3271-1701  
[pucpress@pucpr.br](mailto:pucpress@pucpr.br)



*Palavras verdadeiras não são belas.*

*Palavras belas não são verdadeiras.*

Lao-Tzu



# A vida curta de um fato

Mensagem do editor:

Se alguém quiser, tenho aqui uma tarefa divertida. Acabamos de receber um texto inédito de John D'Agata que precisa ser checado, minuciosamente. Parece que ele tomou algumas liberdades, e admitiu isso, mas quero saber até que ponto. Quem estiver disposto a lidar com o material terá de fazer um pente fino, marcando toda e qualquer coisa que conseguir confirmar como verdade, assim como tudo que pareça questionável. Se for preciso, compro um pacote de canetas vermelhas.

Obrigado!<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Nota sobre esta edição:

*A vida curta de um fato* é uma discussão entre o escritor John D'Agata e o checador Jim Fingal a respeito de um texto elaborado pelo primeiro sobre o suicídio de um adolescente em Las Vegas. Esta edição apresenta o texto de D'Agata submetido à checagem de fatos sempre no alto da página. Na sequência, destaca com negrito cada trecho verificado, seguido de um comentário de Fingal sem negrito. Quando a informação é confirmada pelo checador, ela aparece na mesma fonte do texto original. Quando contestada, a informação aparece com uma fonte diferente. Por vezes há uma troca de mensagens entre Jim e John. Esse diálogo aparece na mesma fonte das informações contestadas e em negrito, com o nome de quem fala no início de cada frase.





Em Las Vegas, no mesmo dia em que Levi Presley, de 16 anos, pulou do deque de observação da torre com 350 metros de altura do hotel e cassino Stratosphere, a cidade proibiu temporariamente o *lap dancing* em 34 clubes de *striptease* licenciados em Vegas,

**“Em Las Vegas, no mesmo dia em que Levi Presley, de 16 anos...”** A idade e o nome do jovem morto podem ser confirmados pelo laudo oficial do médico legista, do dia 13 de julho de 2002.

**“...pulou do deque de observação...”** Confirmado pelo mesmo laudo do médico legista, explicando que Presley caiu de um “deque de observação” no hotel e cassino Stratosphere.

**“...da torre com 350 metros de altura do hotel e cassino Stratosphere...”** Nome e altura confirmados no site do Stratosphere.

**“... a cidade proibiu temporariamente o *lap dancing*...”** Contestável: *The Las Vegas Sun* publicou uma notícia em 12 de julho, o dia anterior à morte de Levi Presley, que fazia referência a uma *possível* proibição do toque em *strippers* exigida em toda a cidade, embora a proibição não estivesse em vigor naquele momento, como relatado por Erin Neff em “*Political Notebook*” [Notas Políticas], *Las Vegas Sun*, 12 de julho de 2002. A afirmação de John aqui é, tecnicamente, imprecisa.

**“... em 34 clubes de *striptease* licenciados em Vegas...”** Contestável: Não sei de onde John tirou esse número. Consegui encontrar nas suas anotações apenas uma referência ao número de clubes de *striptease* que existem em Las Vegas e ela veio de uma fotocópia de um texto tirado de uma publicação

chamada *Adult Industry News*, que é uma *newsletter* para a indústria pornô. Para começo de conversa, a fonte dessa informação é um pouquinho suspeita. Apesar disso, o texto menciona que desde 1995 “o número de clubes de *striptease* [em Las Vegas] deu um salto de três para dezesseis”. Mas depois ele também afirma que existem “31 clubes de *topless* ou de nu completo” (“Indústria do sexo em Vegas luta contra repressão do *lap dancing*”, por Angie Wagner, *Adult Industry News*, 3 de janeiro de 2003). Mesmo que a gente confie na fonte e nas suas informações contraditórias, a afirmação que John faz de 34 clubes de *striptease* ainda não é sustentada pelo texto. E mesmo que esse número fosse confirmado pelo texto, há ainda o problema de sua reputação, tendo em conta que ele próprio oferece dois números contraditórios. Devo pedir para ele explicar esse número?

**Editor:** Claro, fale com ele e peça uma ajudinha para localizar os números.

**Jim:** Oi, John. Eu sou Jim Fingal. Sou o estagiário designado para checar seu artigo sobre Las Vegas e descobri uma pequena discrepância entre o número de clubes de *striptease* em Las Vegas que você cita e o número que é dado nos documentos de apoio. Sou um novato, então tenha paciência comigo. Eu esperava que você pudesse explicar como concluiu que existem 34 clubes de *striptease* na cidade enquanto a fonte que está usando diz 31.

**John:** Oi, Jim. Acho que talvez tenha havido algum tipo de falha de comunicação porque o “artigo”, como você chama, está correto. Ele não deveria passar por um checador. Pelo menos foi esse o combinado com o editor que estava trabalhando comigo. Tomei algumas liberdades aqui e ali no ensaio, mas nenhuma delas vai causar danos. E, na verdade, presumi que todo mundo tinha achado o trabalho legal. Mas também passei para a revista todo o material de pesquisa de modo que as pessoas pudessem conferir o teor das liberdades que tomei. Não sei se vale a pena você fazer a checagem. Fui franco com relação a todas essas “discrepâncias”.

**Jim:** Entendo. Mas acho que é só uma norma da revista fazer a checagem de todos os textos de não ficção que publica. Além disso, é o trabalho para o qual fui chamado, então tenho de fazê-lo. Eu também cheguei

a viajar para lá a fim de conferir algumas coisas do ensaio, porque era o casamento do meu amigo e eu sabia que pegaria esse serviço. (Aliás, Penn e Teller mandam um alô!) Eu meio que fiz um investimento nesse trabalho. Mas, na verdade, acho que eles só querem a garantia de que os fatos estão todos corretos, sobretudo considerando que eles são muitos e que suas afirmações soam, às vezes, um pouco inflamadas. (No bom sentido, claro... =) ) Você poderia me ajudar com aquele número?

John: Inflamadas?

Jim: Quis dizer de um jeito intrigante e impactante. Escolhi mal a palavra. Desculpe!

John: Tudo bem. Bom, pelo que me lembro, consegui o número contando os clubes de *striptease* que estavam listados nas páginas amarelas na época da morte do Levi. Porém, como aquela edição da lista telefônica já não existia mais quando comecei a escrever o texto, encontrei aquela *newsletter* pornô que passei para a revista de modo que eles pudessem checar minha estimativa.

Jim: Obrigado, John. Você me ajudou muito. Acho que é por isso que existe uma discrepância, porque o número que é mencionado na *newsletter* é diferente do número que você está usando no seu artigo.

John: Bom, isso é porque o ritmo de “trinta e quatro” funciona melhor naquela frase do que o ritmo de “trinta e um”, então eu mudei.

Jim: Ah. OK. Obrigado pela ajuda, John. Mais tarde, com certeza, vou escrever para você de novo.

Aceitamos esse argumento?

*Editor: A explicação sobre o “ritmo”, não. Mas tudo bem com o procedimento que usou para levantar o número. Só tente confirmar nas páginas amarelas se esse número, “trinta e quatro”, era correto em 2002.*

Jim: Bom, a menos que você queira que eu pegue um voo de volta para Las Vegas a fim de procurar uma cópia das páginas amarelas de

2002, tudo que posso fazer é usar o atual catálogo on-line, que não consegue indicar exatamente a situação dos clubes de *striptease* em 2002. A edição atual diz que existem hoje 29 clubes de *striptease* na cidade. A menos que o número tenha aumentado e depois diminuído de novo, parece haver uma divergência aqui.

*Editor: OK, Jim. Nesse caso, tome nota da divergência e siga em frente.*

arqueologistas descobriram partes do frasco mais antigo do mundo de um molho de pimenta Tabasco enterrado debaixo de um bar chamado Baldes de Sangue, e uma mulher do Mississippi venceu uma galinha de nome Ginger em uma disputa de jogo da velha com 35 minutos de duração.

**“...arqueologistas descobriram partes do frasco mais antigo do mundo de um molho de pimenta Tabasco enterrado debaixo de um bar chamado Baldes de Sangue...”** Contestável: Isso ocorreu em 28 de junho de 2002, quinze dias antes de Levi Presley se matar, então não foi descoberto no mesmo dia em que ele se matou. Para complicar, o frasco foi descoberto em Virginia City, que fica 32 quilômetros a sudeste de Reno – a cerca de 720 quilômetros de Las Vegas. Assim, a relevância da descoberta desse frasco para Las Vegas é um pouco capciosa. Além disso, o bar debaixo do qual o frasco foi encontrado se chama “Boston Saloon”, que fica, segundo o *Las Vegas Review-Journal*, “atrás do bar Baldes de Sangue”. A questão aqui é que nenhuma dessas informações tem qualquer coisa a ver com a morte de Levi Presley. (“*Hot Sauce Bottle Used in 1870s Found*” [Descoberto frasco de molho de pimenta usado nos anos 1870], por Scott Sonner, *Las Vegas Review Journal*, 28 de junho de 2002.) Como devo proceder agora?

**Editor: Fale com ele e pergunte sobre isso também.**

**Jim:** John, descobri que o bar que você menciona no início do texto, onde encontraram aquela Tabasco, na verdade se chama “Boston Saloon”. Você gostaria de mudar o nome?

**John:** Não. Por que eu mudaria? “Baldes de Sangue” é mais interessante que “Boston Saloon”, e como eles encontraram perto do Baldes de Sangue, acho OK deixar a afirmação como está. Pelo que entendi, você está fazendo a checagem de fatos, certo? Ou editando o texto?

Jim: Alguma sugestão sobre o que fazer aqui?

*Editor: Jim, só anote e siga em frente. A gente lida com as divergências depois.*

**“...e uma mulher do Mississippi venceu uma galinha de nome Ginger em uma disputa de jogo da velha com 35 minutos de duração.”** Contestável: De acordo com a nota de imprensa do hotel onde isso aconteceu, fornecida por John, esse jogo da velha ocorreu de fato no dia 13 de agosto de 2002, um mês depois da morte de Levi Presley. E mais: ainda que a mulher que venceu o jogo seja do Mississippi, ela era residente de Las Vegas na época em que o jogo aconteceu. E agora?

*Editor: É, pergunte para ele.*

Jim: Ei, John... eu, de novo =). Estava me perguntando se você poderia falar sobre esse jogo da velha com a galinha. Parece que ele aconteceu um pouquinho depois que Levi Presley morreu, mas também que a mulher que venceu o jogo não era mesmo do Mississippi. Acho que ela era residente de Las Vegas. Isso faz diferença?

John: Eu me dei conta disso, mas eu precisava que ela fosse de um lugar diferente de Las Vegas de modo a salientar a natureza transitória da cidade – que quase todo mundo que vive em Vegas veio de outro lugar. E, na verdade, como ela é mesmo do Mississippi, acho que a afirmação está OK.

Jim: E quanto ao fato de que o jogo não ocorreu no dia em que Presley morreu? Não é correto dizer que ele ocorreu.

John: Ele fez parte da atmosfera daquele verão específico.

Jim: E não é assim que ele deveria ser apresentado de modo que o texto ficasse mais correto?

John: Não, porque uma afirmação mais precisa seria menos dramática e soaria muito mais deselegante. Não acho que os leitores vão se importar com o fato de que os eventos que estou discutindo ocorreram no mesmo dia, com alguns dias de diferença, ou com alguns meses de diferença. Acho que a maioria dos leitores vai se importar com o significado que surge da confluência desses eventos – pouco importa quando

eles ocorreram. Os fatos empregados aqui não devem funcionar meramente como “fatos”. A função deles é mais imagética do que informacional. Em outras palavras, ninguém vai ler esse texto para ter acesso a um estudo demográfico de Las Vegas ou para saber o que está programado na agenda comunitária. Os leitores conseguem esse tipo de informação em outros lugares.

Jim: Como o texto é feito de um monte de detalhes, parece um pouco problemático que John não se preocupe com a exatidão deles, né?

*Editor: Melhor se concentrar na checagem de fatos, Jim. Depois decido quais imprecisões são aceitáveis.*

Jim: De qualquer modo, essa foi só a primeira frase checada, e acho que deve haver coisa muito pior.

*Editor: Não se preocupe. O que acha de trabalhar direto com o John daqui para a frente? Você vai economizar tempo se não tiver de me consultar toda vez que encontrar um problema no texto. Mas continuo à disposição se precisar de mim. Procure ser rigoroso e questione, respeitosamente, tudo que achar problemático.*

Jim: Combinado.



No dia em que Levi Presley morreu, outras cinco pessoas morreram de dois tipos de câncer, quatro morreram de ataque cardíaco e três de derrame. Foi também um dia com dois suicídios causados por armas de fogo. O dia em que houve ainda um suicídio por enforcamento.

**“...outras cinco pessoas morreram de dois tipos de câncer...”**

Consgo confirmar isso baseado em um e-mail que John recebeu da secretária do médico legista, no dia 12 de agosto de 2002.

**“... quatro morreram de ataque cardíaco...”** Contestável: De acordo com o Instituto Médico Legal, houve dois ataques cardíacos naquele dia. Porém, além desses dois casos específicos sob a responsabilidade do médico legista, houve outras cinco paradas cardiorrespiratórias e mais um infarto do miocárdio que não foram investigados pelo médico legista, provavelmente porque ocorreram dentro de hospitais. Na verdade, houve oito “ataques cardíacos” naquele dia, e não quatro.

John, devemos mudar esses “quatro ataques cardíacos” para “oito”?

John: Gosto do efeito que esses números têm ao diminuírem gradativamente na frase, indo de cinco para quatro e depois para três etc. Gostaria de deixar a frase como está.

Jim: Mas isso seria intencionalmente incorreto.

John: É, provavelmente.

Jim: Você não se preocupa de perder credibilidade com o leitor?

John: Na verdade, Jim, não. Não estou disputando um cargo público. Estou tentando escrever algo que seja interessante de ler.

Jim: Mas de que adianta ser interessante se o leitor deixa de confiar em você?

John: Os leitores que se importam com a diferença entre “quatro” e “oito” podem parar de confiar em mim. Mas os leitores que se importam com frases interessantes e com o efeito metafórico causado pelo

acúmulo dessas frases provavelmente vão me perdoar.

**Jim:** Acho que estou confuso: quais são, exatamente, os benefícios de usar “quatro” em vez de “oito” nessa frase?

**John:** Não quero mais conversar sobre isso.

**“...e três de derrame.”** Confirmado pelo e-mail do Instituto Médico Legal, de 12 de agosto de 2002.

**“Foi também um dia com dois suicídios causados por armas de fogo.”**

De acordo com Sheri Renaud, que trabalha no Instituto Médico Legal de Clark County, houve de fato dois suicídios causados por armas de fogo.

**“O dia em que houve ainda um suicídio por enforcamento.”** Contestável: porém, de acordo com a srta. Renaud, o terceiro suicídio ocorrido naquele dia foi também de uma pessoa que pulou de um prédio, e não por enforcamento.

**John,** você poderia esclarecer essa dúvida?

**John:** É, acho que lembro de ter mudado isso porque eu queria que a morte de Levi fosse a única causada por uma queda. Eu queria que a morte dele fosse singular.

**Jim:** OK, sei que sou só um estagiário, mas: “Eu queria que a morte dele fosse singular”?

*Editor: Jim, deixe anotado. Siga em frente. A gente lida com isso depois. Não posso arbitrar cada problema que você encontra no texto. John é um escritor diferente, por isso você vai encontrar algumas irregularidades no projeto. Seja o mais rigoroso possível e depois a gente faz um pente-fino.*

**Jim:** Mas todo escritor é “diferente” – isso significa que as regras de checagem da revista, que vocês tiveram o cuidado de inculcar na gente, não se aplicam a ele?

*Editor: Não necessariamente. Significa que teremos de lidar com as irregularidades desse texto com a mente aberta.*

Com uma temperatura recorde de 47,8°C, foi inclusive um dos dias mais quentes daquele verão – um dia que estragou o Termômetro Mais Alto do Mundo, que aumentou para 5 dólares o preço da garrafinha de água com 250 ml e que causou um congestionamento de trânsito, no extremo norte da Las Vegas Strip, quando uma família de turistas que se dirigia ao centro da cidade em um Dodge Stratus alugado passou por cima dos cacos de vidro de uma garrafa derrubada por uma mulher sem-teto empurrando um carrinho de supermercado, furou um pneu traseiro, bateu em um veículo estacionado e ficou presa diante da entrada do hotel Stratosphere quando o macaco guardado no porta-malas afundou no asfalto da rua, amolecido pelo calor.

**“Com uma temperatura recorde de 47,8°C, foi inclusive um dos dias mais quentes daquele verão...”** Contestável: De acordo com *Vegas.com*, o “site de viagem oficial de Las Vegas”, o dia mais quente de todos os tempos em Las Vegas foi 24 de julho de 1942, em que os termômetros marcaram 47,2°C. A temperatura no dia em que Levi morreu foi de 45°C, de acordo com o site *Weather Underground*. No entanto, segundo o mesmo site, 45°C foi o dia mais quente do ano – uma espécie de “recorde”.

**“...um dia que estragou o Termômetro Mais Alto do Mundo...”** Contestável: o Termômetro Mais Alto do Mundo fica em Baker, na Califórnia, na estrada entre Barstow e Vegas. Na verdade, e para ser preciso, ele é oficialmente conhecido como o Maior Termômetro do Mundo. Embora ele seja também, tecnicamente, o “mais alto”, o nome que John está usando para falar do termômetro é um pouco equivocado. Trata-se de um indicador elétrico de 40,8 metros de altura construído em memória da temperatura feita no

dia 10 de julho de 1913, quando foi registrado o recorde de 56,7°C no Vale da Morte, a 240 quilômetros de Vegas. A única coisa que consegui encontrar a respeito de uma avaria no termômetro foi uma reportagem dizendo que, a certa altura, nos primeiros anos de sua existência, ele foi derrubado por ventos fortes. No entanto, não encontrei nada que confirmasse que ele tivesse quebrado no dia em que Presley morreu. Além disso, parece improvável que um indicador elétrico quebre devido a altas temperaturas – não é possível que seus elétrons superaqueçam nem nada do gênero. Portanto, mesmo que tenha quebrado por qualquer motivo naquele dia, a afirmação sobre a causa parece fictícia.

**“... que aumentou para 5 dólares o preço da garrafinha de água com 250 ml...”** Contestável: Esse nível de detalhe a respeito de uma coisa tão efêmera quanto o preço da garrafa de água cobrado por um vendedor de rua é bem difícil de checar, então não sei o que posso dizer a respeito disso. Não consigo achar nenhum texto de jornal que mencione esse fato, e John não tem nenhuma anotação que confirme esse dado. No entanto, posso dizer com certeza que a maioria das fábricas se limita a produzir garrafas com 350 ml, 500 ml, ou 600 ml. Por isso fico um pouco desconfiado dessa garrafinha de “250 ml”.

**“... e que causou um congestionamento de trânsito, no extremo norte da Las Vegas Strip, quando uma família de turistas que se dirigia ao centro da cidade em um Dodge Stratus alugado passou por cima dos cacos de vidro de uma garrafa derrubada por uma mulher sem-teto empurrando um carrinho de supermercado, furou um pneu traseiro, bateu em um veículo estacionado e ficou presa diante da entrada do hotel Stratosphere quando o macaco guardado no porta-malas afundou no asfalto da rua, amolecido pelo calor.”** Contestável: Não existe nenhuma referência a esse acidente nos arquivos do *Las Vegas Review-Journal* nem no *Las Vegas Sun*, os dois maiores jornais da cidade.

John, qual foi a fonte que você usou para essa afirmação?

John: Quem me falou desse acidente foi uma mulher que entrevistei no Aztec Inn, um hotel que fica em frente ao Stratosphere, do outro lado da rua. Um dia depois da morte de Levi, comecei a fazer uma pes-

quisa informal na vizinhança ao redor do Stratosphere. A mulher afirmou não só ter testemunhado a queda de Levi como também o congestionamento que se formou em seguida.

Jim: Você poderia me mandar uma cópia das anotações que fez durante essa entrevista?

John: Não tenho anotações da entrevista. Eu provavelmente anotei o que essa mulher disse escrevendo algo como “mulher sem-teto” e “acidente de trânsito”, mas fora isso confiei na minha memória do que ela me contou. Além disso, não foi uma entrevista formal. A essa altura, eu estava só percorrendo a região do Stratosphere a fim de reunir algumas informações. Eu ainda não sabia se ia mesmo escrever sobre Levi.

Jim: Para falar a verdade, desconfio que sua estratégia de entrevista “casual” vai dar problema, porque significa que não teremos nada que chegue nem perto de comprovar o que você escreveu.

John: Pode até dar problema, mas, Jim, com todo respeito, será um problema seu e não meu. Eu não sou repórter e nunca disse que era repórter, e a revista assumiu esse projeto sabendo que não tenho nenhum interesse em bancar o repórter nem de produzir jornalismo. Além disso, mesmo que tivesse sido uma entrevista formal, eu não teria feito anotações detalhadas porque prefiro ser casual sempre que estou entrevistando as pessoas, de modo que elas se sintam mais confortáveis comigo. Assim que você saca um gravador ou um bloco de notas durante uma entrevista, as pessoas se tornam autoconscientes e começam a “atuar” para você, cuidando daquilo que dizem e da forma como dizem. Por isso, quando entrevisto alguém, faço isso durante uma refeição ou tomando um drinque, ou durante uma caminhada ou algo assim. Quando as pessoas acham que estão numa conversa e não numa entrevista, elas ficam muito mais acessíveis e descontraídas.

Jim: OK, então... eu acho... mas mesmo assim parece que isso infringe umas dez regras diferentes de integridade jornalística.

John: Não acho que isso faça diferença, Jim. É um ensaio, e por isso regras jornalísticas não se aplicam.

Jim: Não acho que seja simples assim.

Sabemos, portanto, que quando Levi Presley

pulou da torre do Stratosphere às 18h01min43s – atingindo o chão às 18h01min52s – havia mais de cem turistas inquietos em cinco dúzias de carros parados que buzonavam e gritavam na base da torre do Stratosphere.

**“Sabemos, portanto, que quando Levi Presley pulou da torre do Stratosphere às 18h01min43s – atingindo o chão às 18h01min52s...”** Contestável: Embora o incidente tenha ocorrido às “18h01min”, de acordo com o relatório do médico legista, a queda de Levi Presley levou, supostamente, apenas 8 segundos, e não 9. Dessa forma, o intervalo de tempo seria, na verdade, “18h01min43s–18h01min51s”.

John?

John: É, trapaceei com esse número. Mas não acho que seja nada grave. É só 1 segundo. E eu precisava que a queda durasse 9 segundos e não 8, de modo que o número pudesse ressoar com outros temas abordados no ensaio.

Jim: John, mudar detalhes a respeito de coisas como frascos de Tabasco e termômetros é uma coisa, mas parece um pouquinho antiético mexer nos detalhes relacionados diretamente à morte desse menino. Da maneira como eu enxergo, é errado, ainda mais se o legista diz com todas as letras que a queda de Presley levou apenas 8 segundos.

John: Não acho que seja antiético, especificamente porque não fui o único a supor que a queda levou 9 segundos. Por um tempo, os pais dele também fizeram essa suposição. Na verdade, foram eles que me deram esse número. Você acha que eu faria mudanças a torto e a direito só para causar algum efeito literário? Eu e os pais dele tivemos uma conversa bastante franca sobre esses 9 segundos com o treinador de *tae kwon do* que dava aulas para o Levi. Com essa informação, comecei a pensar em como o número nove poderia desempenhar uma função temática no ensaio.

Jim: OK, reconheço que, a certa altura, você não sabia o número

correto, mas agora você sabe. Não seria melhor corrigir?

John: A essa altura, “nove” é uma parte fundamental do ensaio. E, de qualquer forma, admito estar errado sobre os 9 segundos mais adiante no texto. Então o ensaio fica como está. Caso contrário, ele ficaria um lixo.

Jim: Ele ficaria “um lixo” se ficasse mais correto?

John: Sim.

“... havia mais de cem turistas inquietos em cinco dúzias de carros parados que buzonavam e gritavam...” Problema epistemológico: Essa afirmação deve ser uma especulação violenta, a menos que alguém na cena do acidente tenha contado o número de pessoas que estavam nos carros. De qualquer forma, se houve mesmo um “congestionamento”, o número de pessoas deve ter sido bem maior do que cem. Nesse cruzamento, que forma um T (a Baltimore Avenue termina no Las Vegas Boulevard), existem seis pistas na Las Vegas e quatro na Baltimore. As “cinco dúzias de carros” que John cita equivalem a pelo menos sessenta carros. Se espalharmos essa quantidade de carros nas pistas disponíveis nessa interseção – com cerca de um terço dos carros em cada um dos três segmentos do T –, isso dá cerca de cinco carros em cada pista nos dois sentidos da Baltimore Avenue e três carros em cada pista nos dois sentidos do Las Vegas Boulevard. Agora, se todos os sessenta carros estivessem no Las Vegas Boulevard no local exato em que Levi atingiu o solo, isso ainda significaria apenas dez carros em cada faixa da rua (como cada carro mede cerca de 3,6 metros, seria um congestionamento com menos de 50 metros). Quando estive lá às 18 horas de um sábado, devia haver pelo menos essa quantidade de carros nas proximidades, sem nenhum acidente à vista. Acho a estimativa do John bastante suspeita. Na verdade, existe um fluxo constante de veículos em quase toda parte de Las Vegas. De acordo com o site *Guide to Vegas*, o tráfego pesado faz parte da cidade. O conselho que o site dá para turistas, na realidade, é “evite circular pelo Las Vegas Boulevard (na Strip). Em vez disso, sempre que puder, use a Paradise para ir na direção leste e a Industrial para ir na direção oeste”. Na minha opinião, encarar 40 quilômetros da 405 no sul da Califórnia, todos os dias ao longo de um ano, ainda é melhor do que enfrentar o tráfego da Strip numa noite de sexta-feira. Sendo assim, na minha estimativa, deveria haver

mais de quatrocentos veículos na interseção no momento do incidente, o que daria – se usarmos uma média de 1,6 pessoa por carro – mais de seiscentas pessoas no tipo de congestionamento enorme que John sugere, apesar de eu ser o primeiro a admitir que isso é só um chute. John, você poderia esclarecer essa dúvida?

**John:** A mulher do Aztec Inn disse que havia umas cinco dúzias de carros. Isso deve ser suficiente.

**“... na base da torre do Stratosphere.”** Questionável: Acho que isso depende do que você entende por “na base” da torre. A base da torre mesmo fica a vários metros de distância dessa interseção. Em outras palavras, a torre não fica bem na interseção. Quando você sobe o Las Vegas Boulevard na direção norte, a principal via de acesso para o cassino fica à sua esquerda; só se você seguir por mais uns 15 metros – pela calçada e por um pequeno pavilhão na frente do hotel – é que você vai chegar ao que é, de fato, a “base” da torre. Assim, “perto da base” da torre é, provavelmente, uma afirmação mais correta. John, você gostaria de alterar isso?

**John:** Não. “Na base” tem mais impacto e é mais preciso.

**Jim:** Mas é incorreto. Como pode ser mais preciso?

**John:** Soa mais direto e, portanto, é mais correto e, dessa forma, dá à frase uma sensação maior de autoridade e exatidão. “Perto da base” soa frouxo, como se eu reescrevesse a frase de abertura do ensaio dizendo: “Dentro do mesmo espaço de tempo da morte de Levi Presley...”



Naquela noite, alguns deles olharam para cima e viram por um breve momento algo cair do céu, atravessar as palmeiras e atingir o pavimento. Alguns saíram de seus carros para ver o que havia caído.

**“Naquela noite, alguns deles olharam para cima e viram por um breve momento algo cair do céu, atravessar as palmeiras e atingir o pavimento. Alguns saíram de seus carros para ver o que havia caído.”** Problema epistemológico: “turistas”. Como a versão oficial das declarações das testemunhas não foi divulgada (veja a seguir) e considerando que John não estava lá de fato para ouvir as pessoas falando sobre o incidente, isso está parecendo especulação. Além disso, como é afirmado mais para frente no ensaio e confirmado pelo relatório do médico legista, Levi caiu na via de acesso ao hotel, e não “na calçada”. Aliás, a calçada ao redor do Stratosphere é de tijolos, e não “pavimento”. Na verdade, nada disso está correto. Outra questão: o Stratosphere é cercado por várias palmeiras – elas estão alinhadas na calçada e circundam a entrada – e é mesmo possível que alguém do outro lado da rua tenha tido dificuldade para ver a queda de Presley por causa das árvores, mas certamente não o viu atravessar as referidas árvores. Em outras palavras, esse alguém teria visto, “através das palmeiras, algo cair”, e não “algo cair através das palmeiras”. A frase de John é confusa e talvez deva ser corrigida.

**John: Desculpe, mas não faço ideia do que você está falando. Deixe tudo como está.**

E dez deles deram depoimentos à polícia falando sobre o que viram.

Quando perguntei para o Departamento de Polícia Metropolitana de Las Vegas se eu podia ler alguns dos depoimentos dados pelas testemunhas, o sargento Steve Barela explicou: “Cara, você não vai querer ler essas coisas. É só um monte de fatos. Não tem nada a ver com os livros do Mickey Spillane. Entende?”.

Quando perguntei para uma mulher da Las Vegas Teen Crisis se o suicídio é um problema entre os adolescentes da cidade, ela disse preferir que eu “não escrevesse sobre essas coisas”.

Quando perguntei para Michael Gilmartin, o supervisor de relações públicas do Stratosphere, se o hotel tinha um sistema em vigor para desencorajar pessoas de se jogar da torre, primeiro ele perguntou se eu estava de brincadeira e depois disse: “Olha, não quero aparecer num texto sobre um moleque

**“E dez deles deram depoimentos...”** O relatório do médico legista lista um total de seis depoimentos de testemunhas, apesar de apenas duas dessas seis serem citadas como “espectadoras”. As anotações que John fez da conversa com o policial também cita que o “relatório tem seis depoimentos de testemunhas”. O próprio John entrevistou outras quatro pessoas que afirmaram ter testemunhado o incidente, mas suas declarações não são “oficiais” porque elas não foram incluídas nos registros da polícia e nem no relatório do legista. Acho que John foi um pouco confuso aqui.

**“Cara, você não vai querer ler essas coisas. É só um monte de fatos. Não tem nada a ver com os livros do Mickey Spillane. Entende?”** Provável

alteração: a frase que aparece nas anotações de John a respeito desse cara é: “O que eu posso dizer é que a informação pública – ela vai ser atenuada – não vai parecer um romance do Mickey Spillane”. A parte da frase que fala em “fatos” parece ter sido inserida por John. Além disso, parece que ele alterou o nome desse policial (isso é permitido?), pois não consigo encontrar um “Steve Barela” listado no Departamento de Polícia de Las Vegas. Porém, existe um Rick Barela, de acordo com uma pesquisa feita nos jornais locais (“Policial de Las Vegas é preso depois de uma briga”, *Las Vegas Review-Journal*, 30 de junho, 2004).

**John:** Dei uma melhorada na declaração dele, mas acho que, em essência, ela continua a mesma.

**Jim:** “Uma melhorada”?

**“Quando perguntei para uma mulher da Las Vegas Teen Crisis se o suicídio é um problema entre os adolescentes da cidade, ela me disse preferir que eu ‘não escrevesse sobre essas coisas.’”** Contestável: Não consigo encontrar essa frase em lugar nenhum nas anotações do John. Ainda assim, se essa for a mesma mulher que aparece em outras partes das anotações de John, o que ela está dizendo aqui parece contradizer o que ela afirmou sobre a importância de se falar abertamente sobre suicídio em um texto no *Las Vegas Review-Journal*: “As pessoas não falam sobre suicídio. Existe esse estigma associado ao tema”, diz ela. “Mas temos um problema sério em Nevada. Somos o primeiro estado do país em número de suicídios todos os anos. Nós não vamos acabar com o problema, mas se houver uma conscientização, talvez seja possível reduzir esse número” (“*Suicide of Son Gives Mom’s Life a New Meaning*” [Suicídio do filho dá novo sentido para a vida de uma mãe], por Richard Lake, *Las Vegas Review-Journal*, 1º de dezembro, 2002). Então esse sentimento é exatamente o oposto do que John está atribuindo a ela aqui.

**John:** Como você poderia saber se essa é a mesma mulher que estou citando? Eu mudei a identidade dessa mulher. Até onde sei, “Las Vegas Teen Crisis” nem existe.

**Jim:** Porque sou muito bom naquilo que faço.

**John:** Tão bom que você conhece os funcionários de organizações que não existem?

**Jim:** Bom o suficiente para perceber suas intenções.

**Jim:** Concordo que devemos ser abertos a novas interpretações da história, mas só porque você é aberto a novas interpretações não significa que todas as interpretações são válidas. E, nesse caso, existe uma história disponível que é muito mais válida e que você escolheu ignorar por causa de requisitos literários. E isso não seria um problema se você estivesse usando esse conteúdo como ficção, mas você não está usando esse conteúdo como ficção. Você está usando esse conteúdo como história.

**John:** Jim, você já parou para pensar que talvez essas duas opções não sejam as únicas disponíveis? Que talvez exista uma terceira (ou mesmo uma quarta, uma quinta, uma sexta) alternativa? Que nossa compreensão do mundo não pode ser categorizada ou no compartimento "ficcional", ou no compartimento "histórico", sem nada intermediário? A gente acredita em verdades emocionais que jamais fariam sentido, mas mesmo assim a gente se agarra a elas e insiste que são relevantes.

**Jim:** Se eu tiver que checar verdades emocionais, vou procurar outro emprego.

**John:** Ótimo. Eu escrevo uma carta de recomendação para você.



ARTE  
LETRA



ISBN: 978-65-87603-25-4

PUCPRESS



ISBN: 978-65-87602-89-3